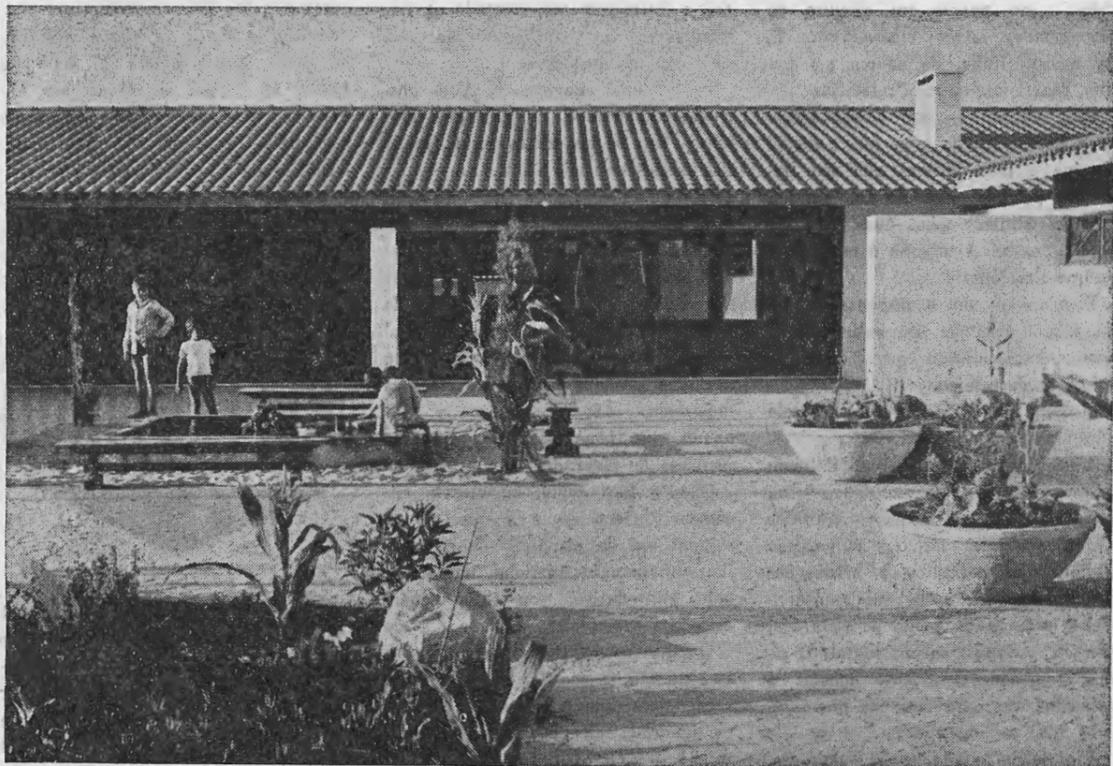




Gaiato

18 DE JANEIRO DE 1975
Ano XXXI — N.º 805 — Preço 2\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES



A NOSSA CASA NA PRAIA DE MIRA.

Aqui, Lisboa!

O Pedro tem uma cara lavada e sorridente. É nosso há cinco anos e conta apenas 11 de idade. Ontem juntámos os dois, um pouco depois da restante Comunidade. Jantar de bacalhau, com batatas couves, devidamente «adubados». Servimo-lo até dizer não quer mais. Conversámos, brincando e, à medida que a refeição decorria fomos meditando no problema dos Pedros que cá temos e dos que não podemos ter. Dessa meditação damos hoje conta, repartindo convosco, no limiar do novo ano, que a todos desejamos feliz.

Em primeiro lugar queremos afirmar que o lugar dos Pedros não deveria ser uma Casa do Gaiato. Esta, por melhor que funcione é sempre uma solução precária e defeituosa. Não substitui a Família lugar natural para a educação e formação dos filhos. Um Pai e uma Mãe conscientes das suas responsabilidades não se inventam ou forjam de qualquer modo. Os Filhos não são objectos ou coisas que se emprestem, dêem ou ponham de parte; não são também meros animais a que se procura dar apenas de comer, vestir e alojamento. Os Pedros têm direitos que é preciso salvaguardar e defender. Na visão da Família de Nazaré se encontra a verdadeira solução dum sólida estruturação social, pois, Pai Américo tinha razão: «Tudo quanto seja regresso a Nazaré, é progresso social cristão».

CONTINUA NA QUARTA PAGINA

TRIBUNA de Coimbra

O Brasil mostra-nos uma vida de grandes contrastes: o opulento arranha-céus e logo a miserável barraca; o cavalheiro ou a senhora ricamente vestidos e adornados e o homem ou a mulher só de calções esfarrapados ou com blusa e saia sem conserto; uns a viverem fartamente e outros a mendigar o indispensável para a vida.

As crianças foram as que mais me atraíram. Por onde passei sempre encontrei crianças a mendigar, só vestidas com calções rotos e sujos, barrigas à vista e descuidadas, caras fugitivas, pés castigados pelos pisos. Um mundo de crianças ao abandono.

Procurei percorrer uma pequena parcela da imensidão do Brasil e atendi ao problema da classe pobre, partindo das crianças.

Ouvi dizer que em S. Paulo há 650.000 «crianças» entre os 10 e 18 anos bastante abandonadas, tendo 300.000 delas já cadastro nas autoridades policiais. Numa entrevista feita a um doutor juiz do tribunal, a uma pergunta que lhe foi feita sobre a delinquência infantil e sobre a apatia da autoridade policial, eu escutei da sua boca e a boca gritou a dor da sua alma: «Enquanto houver crianças a viver com seus pais nas

favelas e a mendigar o pão em nossas ruas, nenhum de nós tem autoridade para as julgar, se não fez antes alguma coisa pelo bem delas».

Há internatos para crianças. Junto da cidade de Santos visitei um. Está situado na zona urbana. Não tem espaços grandes para recreio, nem quinta para desabrochar. Tem oficinas e alguns locais de jogos. Fiquei com a impressão de que está entregue a estranhos. Muitos funcionários a ganhar o seu pão. Muito movimento social em papéis e transportes. Não fiquei a saber nada daqueles para quem tudo aquilo foi feito.

Visitei também o Reino da Criança da Rua. Foi fundada pelo Padre Simão, holandês, que esteve algum tempo em Portugal numa das Casas do Gaiato. O Reino da Criança é do género das nossas Casas. Também tem meninas. O Padre Simão chegou a ter 260 crianças. Faleceu e a obra tem diminuído. Hoje tem poucas dezenas e tem também uma Aldeia de Crianças. Quando chegámos e perguntámos pela possibilidade de visitar e dissemos que éramos portugueses, logo uma senhora nos referiu que em Portugal havia as Casas do Gaiato, mas que possivelmente

Continua na TERCEIRA pág.

imagens e contrastes

F

RENTE ao televisor, arrepio-me, horrorizado.

Não; não é mistificação. Mas realidade. A triste realidade do Terceiro Mundo. No caso vertente o Bangla Desch.

Imagens e contrastes...

Em um escampado, aquela Mãe heróica — deitada no chão como um animal — peitos descobertos, engana o filho raquítico, sobreposto, à míngua de leite...!

Vimos outras Crianças. Nuas, deformadas, como em um campo de concentração!

Há bichos mais bem tratados: hospitais para cães...

Tristes, moribundas, nem a própria câmara de TV as seduz!

É no Bangla Desch? No Terceiro Mundo? São milhões delas assim, por esse mundo fora, pelos terceiros mundos inabitáveis, desconhecidos da maioria...!

Naquele desbobinar ultra-rápido, breves segundos que parecem horas, sai a maior atrocidade, o maior escândalo: uma Criança prostrada no passeio da urbe, morta ou inanimada. E a multidão cruza, apressada, sem dar fé! São assim as multidões...!

O operador omite a cara dos transeuntes. Bons fatos, boas calças, bom calçado, no reino do concreto. O mundo dos poderosos, dos indiferentes que espezinham, que matam os Inocentes!

Arrepio-me. Revolto-me interiormente. Horrorizado. Outros, milhares, teriam visto a película, com certeza. Indiferentes? Quem dera que não. Activos, sim. Sem cartilha na mão... de bacalhau a pataco. Mas atentos. Inventivos. Caminhantes. Peregrinos. Actantes.

— Eh! pá!

— Que foi, moço?

— O Adelino tem sete filhos. É tuberculoso. Praticamente mantém-nos só com o subsídio e o abono de família...! Precisa, imediatamente, duma trouxa de roupa. Vamos cobrir já os corpos dos filhos do Adelino. E a primeira coisa. Já. E já!

Não; este recoveiro dos Pobres não viu imagens do Bangla Desch. Viu o Adelino.

Outros Adelinos. O Presépio de Francisco de Assis. E não descansou. Nem descansa...

Hoje, como há dois mil anos, Jesus-Menino é martirizado; aqui, ali, acolá — onde menos a gente espera. No campo ou na cidade; na baiúca ou na ilha; na corte ou no barraco. Na Europa, na Ásia, na África, na América.

E!

A Obra da Rua que o diga...

Pobre mundo das declarações de direitos... do Homem, da Criança...!

Pobre mundo do século XX...!

Júlio Mendes

PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

NÓS E A TERRA — A infância na Casa do Gaiato é triste e pobre, marcada pelos pecados do mundo.

As crianças daqui pensam muitas vezes nos seus pais e na sua terra natal.

Elas gostariam de ir muitas vezes esperar seus pais quando voltassem do trabalho para os abraçarem e beijarem.

Elas gostariam de pegar com as suas mãozitas as do pai, muito grossas e valentes, correndo assim até casa.

Elas gostariam, ao deitar, de desejarem as boa-noites aos seus pais e um bom dia pela manhã quando se vissem.

Elas gostariam de poder brincar com os outros meninos dos seus vizinhos. Gostariam de jogar ao pião, às escondidas, ao hate-fica e às pedrinhas.

Outros já gostariam de construir um brinquedo que trabalhasse a sério. Que tivesse rodas para andar, ou que tivesse asas para voar. Enfim... uma data de coisas que eles imaginam e a que dão importância.

Elas gostariam também de ter uma avozinha que lhes contasse uma história. Uma história muito comprida...

Apesar de não terem isto, as crianças da Casa do Gaiato não deixam de aprender a ler e a escrever.

Elas nasceram crianças e querem ser crianças para serem Homens.

TERNURA — Lourencito tinha uma ferida no queixo e eu queria fazer-lhe o curativo. Fomos para o almoço e no fim os «Batatinhas» rodearam-me, agarrando-me o casaco e as mãos, querendo todos acompanhar-me até casa para lá passarem o recreio.

Lourencito entrou no meu quarto sem que eu desse por isso, reparando com muita atenção num belo conjunto de bonecos do WALT DISNEY que eu tinha posto numa prateleira pregada na parede. Dei com os seus olhos bem fixos e com muito gosto ofereci-lhe um boneco.

Depois, correu pela porta fora com o boneco na mão e não soube mais dele. Talvez tivesse ido ter com os outros da sua idade que tinham vindo comigo.

Entretanto, fazia a minha cama e não passaram muitos minutos para ter o quarto cheio. Que se passa?... Não só o Lourencito mas também eles queriam um daqueles bonequitos.

Comecei a pensar como havia de proceder, coçando a cabeça. Lá se vai todo o meu conjunto... — falava eu baixinho, para mim mesmo. Mas eles não me largavam, não queriam ver-me ali parado, nem tão pouco

esperar mais; queriam, sim, que eu estendesse o meu braço e tirasse de lá todos os bonequitos.

Assim fiz e recomendei-lhes que estivessem mais caladinhos, brincando sem algazarras.

Por fim, fitei todo o grupo que ali tinha e verifiquei que faltava um. Era o Lourencito que, lá no fundo, no canto da sala, estava olhando o presépio com grande espanto... Quando me abeirou dele, pondo as minhas mãos nos seus ombros, perguntou-me isto:

— Manuel, para que servem estas luzes?

E eu respondi:

— São para iluminar a casinha onde o Menino Jesus dorme.

— E porque é que o Menino tem palhinhas na cama, Manel?

— Agora é que já não soube responder tão prontamente, como na pergunta anterior. Mas, ficando alguns minutos em silêncio, disse-lhe:

— É porque o Menino Jesus, Lourencito, nasceu pobre...

Entretanto a sineta tocava, chamando toda a gente ao trabalho. Então, chamei também todos os «Batatinhas» para virem comigo. Peguei no Lourencito pelas mãos e fomos fazer-lhe o curativo.

Manuel Amândio

AMOR E OBRA — Se és perfeito, aperfeiçoa-te ainda mais, nunca te canses de trabalhar neste sentido: Amor.

Temos obrigação de mostrar aos outros o caminho do Amor. Dar aquilo que muita gente rica e ilustrada não possui. Distribuir um pouco do amor que recebemos.

Muitos senhores ainda não gostam da nossa tão querida Obra, mas fazem mal porque é de Deus e é a Sua sombra, que há-de passar para além dos séculos.

Quem trabalha por Amor, faz bem a si-mesmo, pois receberá pela medida do Todo Amor.

Que é a nossa Obra senão uma canção de Amor, Paz e Harmonia?

Elísio Humberto

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

A CARIDADE É INVENTIVA... — O vicentino — o cristão, se quiserem — tem muito que fazer! A Caridade é inventiva...

Nem olvidamos oportunidades que são dever para todos os homens de boa vontade — sem discriminação — no limitado circuito do seu raio de acção...

Sim, o recoveiro dos Pobres — voluntário do serviço social — não brinca à caridadezinha. Actua discretamente, sem apologética, frente às carências de todo o mundo ainda obscuro e ignorado da maioria. As dores são fel e custam a ouvir, quanto mais a roer! Vai à casa do Pobre, vê e ouve. Analisa, medita, opta, actua. Dá as mãos, com suas próprias limitações, diante das prioridades.

Eles, os vicentinos, sentem a carga do septuagenário — só com a mulher, que os filhos estão longe — vergado ao arado, porque não tem

subsídio ou pensão de reforma decente...

Eles são amparo de viúvas que esperam, meses a fio, a solução burocrática da pensão de sobrevivência e... outros problemas cruciais; intérpretes ou procuradores junto de burocratas, para quem as palavras duras ou duradas... são papéis em circuito de secretariado, talvez cibernético... E, na mesma linha, de caneta em punho, beneficiam outros Proletários.

Eles sofrem — por verem sofrer — o descabro de lares que o álcool arruína e gera vítimas que são tremendo peso para a Nação. Tentam soluções clínicas uma, duas, três vezes e... nada! A taberna é mais forte do que o remédio!!

Eles arcam com a responsabilidade da alimentação de um velho de 70 anos, marginalizado por carências psíquicas da velhice.

— Este tipo é malandro! Ele não quer mas é trabalhar...

Afirmações gratuitas que definem um certo tipo de mentalidade — na sociedade em que estamos inseridos — cujos algozes não têm culpa, não senhor. São conceitos e afirmações próprios de um longo subdesenvolvimento crónico, do ponto de vista económico, cultural, social, moral, e cívico também. O doente mental é escárnio das multidões, em pleno século XX, até quando?!...

Eles sabem, ainda, como é dolorosa, doloríssima, a verba de material escolar dos filhos de muitos Trabalhadores. E, por isso, conversam os mestres-escola. Encarregam-se de um inquérito sumário, discreto, verdadeiro, aos alunos mais carecidos.

— Aqui estão mais três. São perto de 200\$00... A professora preencheu esta folhinha de cada aluno, com os livros e material necessário, que os pais não podem comprar...

O vicentino traz a dolorosa e entrega a massa ou o material.

Noutra escola, quando abordaram a professora, os olhos dela riam. É Professora!

— Ai q'álivio! Como, agora, na cantina, fornecemos sopa e conduto às crianças, estamos depenados... Não podemos, realmente, ajudar os alunos que precisam de material escolar... Os livros da quinta-classe são tão caros!...

No Ensino Básico, quando é que os filhos dos Pobres terão aproveitamento garantido, sem discriminações?!

Eles — os vicentinos, claro — ficam extasiados com a gesta heróica dos auto-construtores. Alguns deles também o foram, são ou hão-de ser... Auto-Construção espontânea, que é — deveria ser — pacífico desafio a estruturas deficientes ou anquilosadas que exploram suor e sangue de Trabalhadores. Mitigados, até há pouco, só pela ajuda do Património dos Pobres e pela colaboração activa de amigos e colegas de trabalho. A verdadeira solidariedade dos Trabalhadores!

— Olhe, meu amigo, durante as obras da minha casa, que duraram meses, tivemos um grande gosto: o nosso porco, criado com tanto sacrifício!, deu pra servir pedreiros e trochas e carpinteiros e jornaleiros amigos que nos botaram a mão...

Aquele suíno, governadinho como só os Pobres são capazes, foi a alegria do Sacrifício, em dias, tardes e noites de duro esforço e solidariedade cristã. Que belo quadro de parilha!

Ficámos com muita pena de não termos podido ver integralmente a oportuníssima mesa-redonda sobre Habitação, na T. V. E, no debate, lamentamos a omissão, ou quase, de determinadas linhas de força:

— as gravíssimas implicações da ausência de desenvolvimento regional (só a beira-mar tem contado...) nos quadrantes da planificação nacional — origem do problema;

— e o caso concreto da Auto-construção espontânea, na chamada *provincia*, isto é, nas zonas rurais, longe das urbes e de norte a sul...

No entanto, parece que a mesa será repetida com outros elementos. Aguardemos.

É que devia lá ter estado ou ser convidado um Auto-Construtor da *provincia*, das zonas tipicamente rurais, para revelar a sua cruz e a de milhares, desde a política de solos às facilidades das autarquias e aos apoios que beneficiam no complexo mercado de materiais de construção...

Quanto lhes custa, ou custou, encontrar terreno — e a que preço! — por via da proibição de se retalar um número matricial, num montado improdutivo, sem valor económico, por exemplo?!

Quantos refrearam, ou refreiam, por isso mesmo, a sua força que levanta verdadeiras milagres, mas até há pouco ignorada das leis, dos responsáveis?!

Quantos homens destes — não falamos, como é óbvio, da Auto-Construção organizada e, felizmente, em erupção... — teriam beneficiado ou poderão beneficiar de plantas e ajuda técnica de organizações oficiais ou das próprias autarquias locais a quem pagam licenças...?!

E o calvário doloroso — dolorosíssimo, acentuamos — que suportam com a subida vertiginosa dos custos dos materiais de construção, sem cooperativas, por exemplo, onde poderiam abastecer-se sem alcavalas; eles, que são a grande força produtiva e, neste caso particular, o mais eficaz, rentável e descomprometido meio de investimento nacional no domínio da habitação: a sua mão d'obra, engenho, arte...?!

Seria pedra fundamental no debate da problemática habitacional das zonas rurais, que vai *desaguar* nos grandes centros...

RECEBEMOS — Durante a quadra natalícia houve muitos amigos — como aliás é costume — que se lembraram dos nossos Pobres.

Eis a *procissão*:
Ana Maria, de Lisboa, 50\$00.
Ovar, o dobro. E boas melhoras...
O mesmo da assinante 27184 «*por alma de minha Mãe e meu Marido*». Migalhas sacrificadas, de Torres Vedras. Covilhã:

«... peço o favor de destinar 250\$00 a uma Família a fim de que possa ter no dia de Ano Bom uma refeição como eu gostaria que todos tivessem em todo o mundo e diariamente.

As vossas orações para que Deus me ajude e dê o pão nosso de cada dia é o que lhes pede humildemente este pobre pecador...»

A linguagem do cristão é assim...

Uma Alentejana, no Porto, com 300\$00. Cheque da Beira, Moçambique, «*de preferência para os mais*

velhinhos». Mais 200\$00 de S. Mamede de Infesta. O mesmo «*com um abraço muito amigo*», de Lisboa (Campo de Ourique). Retribuímos com prazer. Metade de Mafra. Idem, de Ois da Ribeira. De Santarém, 50\$00 «*com pena de não poder dar mais*». O legendas! Mais, de algures, outra migalha para «*suavizar um pouquinho o Natal de algum velhinho da vossa Conferência*». E mais do Porto, av. Fernão de Magalhães. De novo o Porto com 100\$00, expedidos por José Fernando. E, finalmente, 5.000\$00 de Isabel, de Lisboa.

Obrigado!

Júlio Mendes

REFLECTINDO

Vivemos os primeiros passos deste ano de 1975. Sobre nós portugueses pesam sérias responsabilidades no caminhar político de Portugal, pois a verdade é que o bem comum é construído pela conjugação dos esforços e dos dons de cada um.

Através dos meios de comunicação recebemos a toda a hora mensagens que visam o amor pelos outros, a atenção sobre as necessidades fundamentais dos Pobres, o imperativo de se criarem estruturas capazes de garantirem a todos os homens o desenvolvimento global das suas aptidões em ordem a uma realização humana mais positiva, etc., etc...

Há quem diga que estas mensagens não passam de puro palavreado, movido mais pela luta política do que pelo sentido dos outros. Não sou tão céptico e acredito que toda a mentalização que anda no ar, toda a chamada de atenção para as condições miseráveis da vida de alguns dos nossos irmãos, não deixará de despertar nos homens alguma parcela de bem, atrofiada por uma visão egoísta e parcial da vida, e pela rotina que estava instalada na maior parte dos portugueses.

Se atrás digo acreditar no fermento de bem que os homens trazem dentro de si, mesmo nos que nos parecem mais falhos dele, digo ainda que é fácil que muitas intenções se fiquem nas palavras, não porque estas não tenham raiz no coração, mas porque se perdem na guerra das ideias.

Creio que todos poderíamos olhar o futuro com mais optimismo se fosse possível o diálogo, necessário para tornar construtiva no seio da socie-

TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE



O "Doutrina" em foco

O «Doutrina» está em foco! É alimento espiritual e activo de muitas centenas, milhares, de Leitores e Assinantes da nossa Editorial.

As malas de correio têm sido extraordinariamente volumosas. Não há memória de um correio assim! E não vem dia ao mundo sem requisições de mais volumes — todos os volumes de Pai Américo; seja de novos Assinantes, por intermédio ou não dos postais RSF, seja de quem já está inscrito em nossos ficheiros.

Como este:

«Recebi, há dias, o «Doutrina». Já o devorei. Peço o favor de me mandar mais 2 para oferecer a duas pessoas amigas que bastante precisam de ler estas verdades, que algumas bastante duras são, mas são mesmo verdades, e que doutrina...!

Meu Deus, tanto que os homens precisam de ler um «Doutrina», um «Barredo», um «Porta Aberta», um «Pão dos Pobres» e outros, pois talvez Jesus os iluminasse e o seu coração se abrisse...»

Senhora da Hora:

«Pelo presente acuso recepção do livro «Doutrina» que muito agradecemos, eu e meu marido.

São horas de meditação que não queremos perder e que nos tem ajudado muito na nossa vida.

Se o Senhor andasse no meio dos homens neste mundo, que tudo faz para O esquecer, não falaria mais claro.

Obrigado, pois...»

dade a boa vontade de cada um, não fosse muitas vezes fonte de amolecimento ou destruição dessa boa vontade.

Para que seja possível o diálogo entre os homens é necessário uma grande arrumação interior a fim de que haja respeito mútuo, e se procure o essencial, e neste se consiga o entendimento.

O que ninguém duvida é que há muito para fazer, muitas pessoas a necessitarem do esforço e do amor daqueles que podem trabalhar. Pelo que se deve apenas gastar as palavras na medida em que estas sejam veículo para realizações mais válidas. Que cada voz que se levante o faça na procura de uma solução para os problemas. É preciso dar de comer a quem tem fome; é preciso vestir os nus, aliviar os doentes, educar os que têm necessidade de cultura e esta tarefa exige o esforço de todos nós, pelo que só de mãos dadas será possível fazer-se o que é preciso ser feito.

A Paz constrói-se através do reconhecimento dos direitos de todos e a possibilidade deste reconhecimento exige que cada um dê a sua cota parte de colaboração. Todos queremos a Paz... Todos teremos que a construir.

E aqueles, de alma cheia, com legendas tão expressivas?!

«Passei parte da tarde do dia de Natal a «saborear» o «Doutrina» que tiveram a amabilidade de me enviar» — diz uma assinante do Porto. E acrescenta: «Muito obrigada pelo bem que essa leitura meditativa fez ao meu coração...»

Velho amigo de Lisboa:

«Muito e muito obrigado por me terem enviado o «Doutrina» do meu velho e querido Amigo Padre Américo.

Li-o de uma assentada que durou dia e meio.

Fala-se correntemente do Natal como da Festa da Família. Ainda que este conceito, no quadro muito restrito de reunião de parentes, de convívio mais íntimo, de troca mais calorosa de prendas e de bons desejos entre quem se quer, possa ser uma saída para a dessacralização da Data, a verdade é que este é o tempo em que os valores sociais da Família são mais fortemente sublinhados e a Liturgia não perde a ocasião de, bem no centro das celebrações Natalícias, lhe dedicar uma Festa própria: a da Sagrada Família.

Mais do que prestar culto às Pessoas venerandas de Jesus, de Maria e de José, (outras vezes mais directa e especialmente veneradas) a Igreja tem uma intenção pedagógica: apresentar-nos a relação entre os Três como modelo duma relação pacífica e frutuosa entre os homens — o que Pai Américo resumiu assim: «Tudo quanto seja regresso a Nazaré é progresso social cristão.» Não se trata, pois, de um gesto de piedade em que a sensibilidade tem papel dominante; mas de uma oportunidade de reflexão séria que torne mais acessíveis aos homens, para uma sã estrutura da Sociedade, os dons que

Fiquei encantado! E embora o Autor diga, em sub-título, que a doutrina não é dele mas sim do Pai Celeste, o certo é que ninguém a interpretaria e aplicaria com mais propriedade e proveito para nós...»

S. Pedro do Sul:

«O «Doutrina» é bênção de Deus que acaba de entrar em nossa casa...»

Lisboa:

«É sempre «doutrina» a recordar; e que bom seria se a «política» se baseasse mais no Evangelho do que em teorias com pés de barro...»

Ainda de Lisboa:

«Agradeço o 1.º volume do «Doutrina»; doutrina da melhor, que esperamos em Deus que encontre sempre um espaço de liberdade neste nosso Portugal.»

Coimbra:

«Acabo de receber a reeditada «Doutrina». Que linda prenda de Natal vos fico a dever.

(...) Linda, pelo conteúdo. O Evangelho vivo, palpitante, actual.

Linda, pela recordação do nosso Pai Américo, santo que,

como todos os santos, assumiu a paternidade do espírito, numa lição perene.

Anseia-se por um Portugal renovado. E eu só formulei um voto: que a renovação seja penetrada da luz do «Doutrina». Se assim for, conterà o verdadeiro sinal da libertação, da via da Paz, com todos os seus benéficos frutos...»

Eis uma amostra da torrente de correspondência que desabou sobre nós, nesta quadra festiva!!

São almas vivas. Libertas. Mas arrumam livros na estante. Mas lêem, saboreiam, meditam — e procuram um Mundo Melhor. Mais humano, mais cristão — absolutamente identificado com a Doutrina do Mestre.

Eis o objectivo do «Doutrina», sem bafo de sacristia!

Júlio Mendes

A FAMÍLIA

Deus nos oferece no Seu Cristo.

A Família de Nazaré é uma Família aberta. O Filho é a sua razão de ser. Por Ele e para Ele se juntaram virginalmente um Homem e uma Mulher, cuja fecundidade está fora e acima das leis naturais da fecundidade. Na Sua passagem discretíssima pelas páginas do Evangelho, José jamais nos apareceu como senhor, antes como servo fiel de uma missão: proteger Maria e o Menino. Maria, diante do Anjo da Anunciação, aceita com todas as consequências o que Deus quer de Si, ainda que o preço da Sua eleição, seja o trespasso do coração por uma espada de dor. A razão última do Filho são os homens: «Um pequenito nasceu para nós...» — canta a Igreja. E a reivindicação deste antes de mais não tarda muito, quando, aos doze anos, perdido de Seus Pais, Estes o vão encontrar no Templo com os Doutores:

— Filho, andávamos aflitos à Tua procura.

— Não sabeis que devo ocu-

par-Me das coisas de Meu Pai?...

Maria e José não o sabiam ainda claramente. Mas aceitam a explicação. Jesus segue-OS para Nazaré e era-Lhes obediente. O incidente não quebra a harmonia do Lar de Nazaré.

Mais tarde, no decurso da Vida Pública, uma vez se levantará da multidão que O cerca: — Estão aí Tua Mãe e Teus parentes que Te procuram.

— Minha Mãe e Meus irmãos são os que escutam e põem em prática a Vontade de Meu Pai.

Maria não Se ofende. A Vontade do Pai é o critério supremo de valorização que Ela também abraça. E a Vontade do Pai é que, por Cristo e em Cristo, todos os homens sejam irmãos. Este vínculo universal excede e contém os laços de sangue. Não os nega, não os destrói: Insinua que os laços de sangue, divinamente orientados, devem abrir o homem e comprometê-lo na fraternidade com todos os homens. E é na filiação divina que o Verbo, encarnando, veio propor a todos os homens, que tem fundamento a fraternidade universal entre eles, a qual, vivida consequentemente, estabelecerá uma relação pacífica e frutuosa entre todos — tal como entre José e Maria e Jesus.

O Lar de Nazaré é o alfofre, de onde esta relação há-de ser transplantada e multiplicada até aos confins da Terra, até ao fim do Tempo. «A Família é a escola natural da sólida formação do homem», escreveu Pai Américo.

Nela se deveria aprender à escala pequenina, adequada à pequenez do homem, a regra da integração de todos os homens na grande Família humana. E porque perfeita como nenhuma outra, a Família que Jesus sagrou, eis que «tudo quanto seja regresso a Nazaré é progresso social».

Deveria ser...! Deveria ser dos «sentimentos de misericórdia, de bondade, humildade, mansidão e paciência» mais acessíveis ao nível da carne e do sangue, que se subiria ao cultivo dos mesmos sentimentos na sociedade maior em que o homem vai tomando parte e parte activa. Assim se tornaria sólida uma relação pacífica e

frutuosa entre os homens. Será assim...?!

Parece que não. Que é a instituição familiar que está doente. E não melhorará sem um regresso a Nazaré, àquela abertura universal, àquela disposição de serviço que era o espírito de correspondência de Maria e de José à Vontade do Pai manifestada na Encarnação do Seu Filho.

Talvez seja por aqui o princípio de uma autêntica reforma social.

TRIBUNA de Coimbra

Cont. da PRIMEIRA página

não as conhecíamos. Sorrimos e sentimo-nos felizes pela coincidência. Foi buscar a colecção de «O Gaiato» que é lido em todas as suas reuniões. Visitámos todas as instalações com um senhor humilde e simpático que devia ser o director. Disse-nos que a grande dificuldade era a carência de pessoas capazes de educar e a dificuldade em manter os jovens aos 17 e 18 anos. Disse-nos também que têm procurado Religiosos ou Sacerdotes que se queiram dedicar à Obra, mas não têm encontrado. Falta-lhes a mística. Só têm «O Gaiato». O subsídio do Governo também é pequeno.

Partimos satisfeitos pelas crianças que ali vimos e nos pareceram felizes. Trouxemos na alma a tristeza de tanta capacidade da casa quase vazia e da multidão de crianças que vagueiam sem lar e sem família.

Padre Horácio



RETALHOS DE VIDA

O «Formiga»



Sou natural de Sanhoane onde nasci a 24 de Outubro de 1959. Somos seis irmãos. Vivíamos na pobreza.

Enquanto os meus pais iam trabalhar, fechavam-nos em casa para que não andássemos na vadiasse.

Um dia resolvemos fugir de casa e assim andámos uns dias na desgraça, sabe Deus como!...

Uma senhora vizinha encontrou-nos na miséria, teve pena de nos ver assim e recolheu-nos no seu lar. E, assim, nessa casa, andávamos na escola.

Depois, essa senhora resolveu arranjar lugar para dois na Casa do Gaiato: para mim e para outro irmão que já foi embora.

Mais tarde, ainda arranjo lugar para outro, mais novo do que eu, numa instituição dos Carvalhos. Depois veio para cá. E dos outros só Deus sabe.

Antes de meu irmão vir para cá, eu era vendedor de «O Gaiato», mas fiz batota e saí da venda.

Frequentei a 4.ª classe; depois pedi para vir para a Tipografia. Despeço-me de todos os leitores de «O Gaiato».

Manuel da Conceição («Formiga»)

Hoje mesmo chegaram, e com eles começo, dois recados de quem não se contentou com possuir uma casa (um andar) e se decidiu à segunda. São dois Engenheiros, modestos no ser e no ter, acompanhados por suas Esposas, perfeitamente sintonizados com eles.

Simplemente, a segunda casa não é na praia nem nas terras. Tampouco para seu regalo. «Destina-se a ajudar os nossos irmãos injustamente carenciados, a construir a sua habitação.»

Um envia de uma assentada toda a quantia que foi juntando, considerada como uma espécie de juro: 51 contos. O outro, «Romeiro do Porto», é presença de muitas vezes neste desfile e acrescenta mais 2 contos sob o título simbólico de «Casa de S. José», embora saiba que este seu mealheiro não vai propriamente construir uma casa, mas ajudar a concluir várias.

Outros procedem da mesma sorte, alguns de longa data, sem manifestarem o mais leve cansaço. É o caso de M. M.-A. L. com quatro entregas de 1.000\$. J. P. R., ora da rua Santo Ildefonso, ora da av. Rodrigues de Freitas, com mais 3x500\$00 (fora as vezes que dos seus vales silenciosos não dei conta!). Mais três pedras de 500\$ (fica nas vinte e quatro) para a Casa de S. Carlos. Mais 1.000\$ de «Um cristão apreensivo mas confiante» com esta carta a justificar os qualificativos que se dá:

«Nesta hora conturbada da nossa história em que as grandes opções são por vezes tomadas sem aquele espírito demo-

AGORA

crático que seria de desejar, não resta mais nada por enquanto que esperar e confiar naquele mínimo de bom senso que os responsáveis são obrigados a ter.

(...) É pena que certos órgãos informativos, que são uma minoria de povo, se arroguem no direito de orientar massas populares, deturpando, distorcendo e escamoteando notícias e impondo figurinos que não queremos seguir. Com que direito e autoridade o fazem? Quem já lhes passou credencial ou mandato?

Se é este o caminhar para a democracia que apregoam, triste democracia vamos ter. Nós também somos povo e não queremos outra ditadura.

Todos sabemos que fomos governados por um regime ditatorial durante 48 anos e que foi muito injusto.

Queremos agora justiça, paz e amor na maior liberdade. Amor sem paz e justiça não frutifica. A injustiça gera ódio. O ódio mata a paz. A liberdade sem paz, amor e justiça, gera guerra. Se a guerra for de paz, amor e justiça, então, abençoada guerra. Vamos invadir todos os lares, todos os portugueses com esta guerra.

A minha invasão começa com

a ajuda para uma casa que sirva de lar a uma família que dela necessite, eliminando assim uma barraca. Prometo enviar mais ou invadir mais vezes. Avante com a invasão de amor.

Que o ano de 1975 seja um hino à paz, para todos os portugueses.»

O dobro de Viana, de outro Engenheiro amigo que não esquece o Calvário nem Ordins. Uma presença anónima de 500\$ com a delicadeza de um «perdoem a pequena lembrança».

Passa agora um simpático grupo na lista do Montepio Geral-Lisboa: Os alunos da Escola de S. José, com 1.000\$. 150\$00, daquele teimoso licenciado que, sozinho ou quase só, não desiste de carrear tijolos para a Casa dos ditos. Afinal, desta vez, apareceu outro, com 300\$ e o toque a despertar: «Para que os licenciados não adormeçam».

Doze contos no Espelho da Moda de quem lá foi certificar-se se a Menina da Caixa era mesmo nossa filha. As mulheres dos nossos filhos nossas filhas são.

Uma Aida manda 1.500\$ e «assim agradeço a Deus o ter acabado agora de pagar uma casinha que comprei. Deus permita que o Património dos Pobres seja cada vez mais conhecido e cada vez maior, para que todos possamos ter uma casinha digna de um ser humano».

Outra dúzia, do Nordeste transmontano «para uma aflição daqueles que não têm telhado nas casas em construção».

Da rua Mouzinho da Silveira, 500\$00 entregues no Lar do Porto. Metade da Maria Antonieta, com o sacrifício das suas sonhadas Casas das Três Marias e da Rosarinho.

Outra vez no Lar do Porto, 10 contos «de uma promessa». Metade, em vale de Valongo, «como prometi e vou fazendo em prestações».

De V. N. de Gaia, «para telhas» 200\$ de um Jorge e o mesmo de uma Maria. De alguém da Ordem do Carmo, 50 contos. Trinta de Portimão, «como preito de homenagem à memória de minha Mãe, falecida em 1946». Passaram quase trinta anos. Expresso assim, quem pode duvidar deste amor filial?! 700\$ de alguém da «Xafarica». 150\$ da rua Pascoal de Melo, com mais lembranças para diferentes fins.

Dou agora vez aos Pessoais do costume. O da ex-HICA, que, neste ponto, graças a Deus, não se fundiu na C.P.E., mandou, desde as últimas notícias: 3x(1075\$20+80\$60)+1794\$70+80\$60. Uma expressãozinha fácil para quem se quiser entreter. Da Administração é que não há novas nem mandados. Essa fundiu-se com certeza. Dos Funcionários da Caixa da Indústria Têxtil, «produto de 1\$00 mensab», 1.610\$00 desde Julho a Novembro de 74.

Por duas vezes, 300\$, as «gotinhas» da Alice para a Casa de S.ta Filomena. Uma presença acumulada da Maria do «Pequeno Louvre».

Três vezes 100\$ de Ois da Ribeira. Quatro de 60\$ do «Major do Silêncio». As suas melhoras! Outrotanto de Berta e Jorge.

Uma carta:

«Estes 16.000\$00 são destinados na totalidade a um destes casos (acompanhava um recorte de «O Gaiato»).

Fica ao critério do senhor Padre que os conheça, a escolha. É condição essencial, no entanto, que sejam entregues àquele que com esta importância tenha real possibilidade — ia a escrever «resolver» — de na verdade dar o passo mais firme e decisivo para vir a ter a sua casa.

E como esta é a condição essencial, se o senhor Paure vir que nenhum destes casos lograria isso, poderá escolher qualquer outro para o qual estes 16 contos venham a traduzir-se numa futura casa.

A segunda condição, bem entendido, é que sejam verdadeiramente pobres e com família.»

Ora, meu Amigo, é esta também a nossa doutrina, mesmo não podendo dar fatias tão substanciais como a que põe em nossas mãos. Até, para seu esclarecimento e de quantos nele estiverem interessados, transcrevemos aqui de um impresso que usamos para orientação das Paróquias com que colaboramos, «as condições que norteiam a concessão destes Pequenos Auxílios:

a) O Pároco fazer seu o caso. Não basta informar, mas assumir a responsabilidade do mesmo em consciência.

b) A construção seja segura e de suficiente dimensionamento e divisões para a boa higiene física e moral da família que a irá habitar.

c) Haja possibilidades de levar a termo com o nosso auxílio a obra começada, sem o que este seria inútil, pois com mais «capelas imperfeitas», ninguém lucra.»

De «Portuense qualquer», 100\$00. Metade da Celeste, de Santarém. Outra vez 100\$ do Porto, da Ana Maria. Idem (e mais para outros destinos) de alguém que pensa e age assim: «Como a reforma este mês é dubrada á que repartir pur us, que persizão. Desculpe a má iscrita, não sei melhor.» Vai tal qual com um beijo de muita veneração nestas mãos sábias em ciência não caduca.

Do Largo do Priorado, 200\$ (fora o resto para mil). De Lisboa, metade, de Sara. E restos de pagamentos de assinaturas e de remessas com outras intenções.

Mais um clamor de inquietação pela Justiça de alguém que põe o fundamento da eficácia no seu esforço pelos outros no esforço da sua conversão pessoal:

«Anima-me saber que Deus é grande e certamente não vai deixar sem ajuda aqueles que lutam por uma maior Justiça para todos. É nesta linha que peço a vossa ajuda, porquanto sei do vosso total empenhamento nesta mesma causa da Verdadeira Justiça. Venho, pois depositar nas vossas mãos a importância de 2.000\$00, que é todo o dinheiro que possuo. Será para aquilo que entenderdes. Entretanto quero dizer-vos que muito me impressionou a notícia dada n'«O Gaiato» de 9 de Novembro, na secção «Património dos Pobres» acerca daquele trabalhador, pai de 10 filhos, que vos procurou em grande aflição para poder cobrir a sua casa. Se achardes bem... o dinheiro é vosso.

Que seja aceite por Deus, como dádiva da Viúva do Evangelho, é a única coisa que desejo. E também gostaria que tudo ficasse só entre nós e Ele.»

Se assim todos nos preocupássemos, em primeiro tirar a trave do nosso olho do que o argueiro do do vizinho, «outro galo nos cantaria!»

Termino com outro Pessoal: «Um grupo de Empregados da Direcção dos Serviços de Telecomunicações, que oferecem o seu dia de trabalho: 7.070\$00.»

AQUI, LISBOA!

Cont. da PRIMEIRA página

Um segundo ponto e em relação ao anterior: aqueles que põem a chave dos problemas apenas nas questões materiais estão profundamente equivocados. Não é por haver riqueza ou se auferirem grandes ordenados que se estancarão os Pedros em marginalização. Se os valores morais forem esquecidos, tanto fará dispor de dinheiro como não. Se não houver o exemplo e se estiver ausente o espírito de sacrifício e de entrega, por mais que queiramos, tudo será em vão e os Pedros serão cada vez mais.

O terceiro aspecto da nossa meditação: vale a pena dar a vida pelos Pedros, apesar das limitações próprias e alheias. A paz também se constrói pela reconciliação, a nível individual e colectivo. Sujar as mãos, como aqui temos dito. Não importa que nos acusem de obscurantistas ou de narcotizantes. Empenhar a vida no estender de mãos aos Pedros que encontramos pelo caminho, eis o nosso propósito. Palavras, só as indispensáveis. Trabalho, esse sim, o que for possível e estiver ao nosso alcance, sem alardes ou barulho. Restituir aos Pedros a alegria de comer, em família, um prato de bacalhau com batatas, bem «adubados». Deixar aos que gritam e falam muito a «consolação» de nada fazerem.

Padre Luiz



Quando estas simples notícias chegarem às vossas casas, já passou a quadra festiva do Natal. No entanto, é preciso que nos consciencializemos de que o Natal não é só no dia 25 de Dezembro de cada ano. Há Natal ao longo de todos os dias da nossa vida; uns mais alegres, se as coisas correrem à medida dos nossos desejos; outros mais sombrios, devido a problemas que nos surgem, a nós, ou a outros, a quem devemos por direito dar a nossa ajuda. Amor, Esperança e Fé — tudo isto Cristo veio trazer à terra, aos homens de boa vontade. Sigamo-Lo no Seu caminho e as incertezas que nos atormentam desaparecerão.

Quero dizer a todos os nossos Amigos que foram lembra-

